

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro
Composição, Impressão e Redacção na
Tip. Figueirense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueirense

FIGUEIRO DOS VINHOS

Lição admirável

A visita a Marrocos dos finalistas da Escola Naval e da Escola do Exército e dos graduados da Mocidade Portuguesa foi mais uma eloquente afirmação do interesse que o Estado Novo põe na educação da Juventude, procurando formá-la dentro daquele espírito heroico de patriotismo e de continuidade histórica que ressuma toda a nossa tradição.

Efectivamente, se há no mundo lugar que mereça ser objecto do nosso culto, das nossas peregrinações, ele é sem dúvida, Marrocos, o ponto de partida para os descobrimentos delineados pelo Infante D. Henrique, o local onde no dizer de autor autorizado pode dizer-se teve início a Idade moderna, mercê da conquista de Ceuta.

Com razão, pois, o sr. comandante Soares de Oliveira, o dirigente do Cruzeiro da M. P., ao cumprimentar o Residente Geral da França, pôde afirmar:

«Por feliz coincidência, a bandeira da Mocidade Portuguesa com que desembarcamos agora nesta terra de Africa é a mesma de D. João I, a mesma com que desembarcámos, pela primeira vez, em Marrocos, a mesma de Ceuta. E este facto da juventude portuguesa arvorar a mesma bandeira à sombra da qual os seus maiores se cobriram de glória é o sinal, a prova simbólica de que — graças à Revolução Nacional Portuguesa — se reatou entre nós a continuidade. Continuidade entre o passado e o futuro. Revolução Nacional Portuguesa que, mercê de dois homens extraordinários, Carmona e Salazar, o Chefe do Estado e o Chefe do Governo, nos arrancou a uma longa decadência melancólica, pessimista e paralisante, para de novo chamar por nós a cumprir tarefas que nos reconciliem com a tradição e nos fazem encontrar os caminhos da grandeza imperial, onde temos de tomar por pontos de referência as modernas realizações dos outros povos edificadores de Impérios.»

Nestas palavras está, de facto, e rapidamente, posto em relevo o que é e vale o espírito heroico dos portugueses. Espírito que vindo desde o fundo dos séculos, tem percorrido os tempos e têm-se afirmando, através os élos imperecedeiros que ligam o passado ao presente e projectam no futuro toda a grandeza sem par da nossa tradição.

Marrocos, onde tudo fala de Portugal, da nossa glória passada, do nosso esforço civilizador, é sempre para os portugueses uma grande e extraordinária lição de história.

Tudo o que os demais povos europeus lá chegaram depois de nós têm feito, mais não é, no final, que o prosseguimento da nossa obra, o continuar da nossa acção de glória e civilização.

Figueiró e o seu mercado

Figueiró mantém os seus mercados tradicionais: — o de Domingo e, mais recente, o de quarta-feira.

O mercado de Domingo, é sem dúvida um mercado importante, em qualquer parte.

Faz gosto percorrê-lo nas primeiras horas da manhã, e quem o fizer olhando com um pouco de atenção, há-de verificar uma abundância e variedade de géneros: frutas, hortaliças, peixe, batata, feijão, milho e outros cereais, galinhas, frangos, coelhos, leitões, ovos, etc., o que dado o momento que passa, é para considerar.

E outro facto não menos interessante que se verifica: é que passado três ou quatro horas, tudo desapareceu, tudo se vendeu.

O mercado de quarta-feira, é sem dúvida mais fraco, mas se houvesse um pouco de propaganda, estamos certos que sem grande custo depressa viria a adquirir as proporções do de Domingo.

Talvez achem exagerada esta nossa opinião, é possível. Mas se atendermos aos recursos excepcionais que esta terra dispõe, ao incremento que dia a dia se nota em todas as manifestações de actividade, se examinarmos com olhos de ver as possibilidades de que hoje dispomos, repetimos, e ao lugar privilegiado em que vivemos de terra bonita e encantadora, uma das regiões agrícolas mais variada e interessante destes sítios, com um comércio local importantíssimo e com tendência a aumentar e a desenvolver-se, à frequência de turistas que nos visitam todos os verões, não será difícil tornar este mercado com a importância e incremento do de Domingo.

Para que se torne realidade esta nossa opinião, basta, apenas, que se faça um pouco de propaganda e que os senhores comerciantes saiam um pouco do seu comodismo.

Façam pois a propaganda do mercado de quarta-feira, tornem este mercado como o de Domingo e prestarão mais um bom serviço á nossa terra.

A ideia, se ideia é, aí vai. Resta apenas que seja secundada, por quem de direito, por quem tem obrigação de o fazer.

Bruxaria na noite

*Volteiam sobre mim as sujas redes
dum infernal sabbat no escuro espaço,
— e nem sei o que faço e porque o faço
e dou com a cabeça nas paredes*

*A tiram para mim fomes e sedes,
mas tento reagir e embaraço
as minhas mãos de triste e me desjaço
como as núvens que vejo e vós não vedes.*

*Todo o meu corpo treme de agonia,
rolando pela estrada que subia
feito pastor, herói e peregrino...*

*No chão enlameado em que resisto
elevo para a luz, que mal avisto,
o meu clamor vibrante como um hino!*

1938.

João Tendeiro

Duque de Kent

Quando seguia para a Islândia em serviço de inspecção às bases aéreas da RAF naquela ilha, faleceu, num desastre de aviação o Duque de Kent, irmão mais novo de S. M. o Rei da Inglaterra.

A casa Real Inglesa vê-se assim atingida directamente pelo rigor da guerra, e a perda dum dos seus membros mais prestigiosos vai de certo contribuir ainda mais para que a Nação inglesa reconheça a solidariedade entre o seu Governo e o seu Povo.

Nesta hora de luto e de amargura para a Inglaterra e seus amigos, *A Regeneração* apresenta sentidas condolências ao povo inglês, de que o ilustre finado é a representação simbólica das centenas de mortas na defesa da Pátria.

Campismo

Por esse Portugal fóra, em praias ou serras, junto de rios, à sombra de velhas árvores, por terrenos escaldados ou aprazíveis courelas verdes, já ninguém estranha ver, com a sua indumentária por vezes exótica, em que há um pouco de tudo, o campista, alegre pelo contacto da natureza, comungando a sua paz, esquecendo o bulício dos grandes centros.

Desporto salutar, o campismo é, pelos múltiplos aspectos de que pode revestir-se — a pesca, a caça, o alpinismo, etc. — aquêle que mais benéficos efeitos traz a quem queira retemperar forças gastas. Isso justifica o incremento que tem tomado e o grande número de adeptos que cruzam hoje, em todas as direcções, Portugal.

É consolador ver esses grupos que se revigoram ao mesmo tempo que tomam contacto com os hábitos da gente do povo, ouvem as suas expressões e ficam por isso mais próximos dos problemas do ruralismo.

Da resto, vai já longe o tempo em que o «globe-trotter» era olhado com a superstição da dúvida, e, hoje todo o campista compreende que uma saída franca e quem por ele passe em qualquer aldeia, é motivo de confiança e de júbilo para o povo. E não há, da parte deste, senão aquêle mínimo de curiosidade que as inovações trazem sempre aos espíritos simples.

B. B. C.

Com a mudança da hora, os novos programas da B. B. C. em língua portuguesa passaram a realizar-se às seguintes horas:

11,45 — 13,15 — 13,30 — 22 e 22,15.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

2 Aplicações:

Não é difícil ver e a importância consid'avel que tem o estenderem-se estes princípios do método dialético à ciência social e a prática que daí provém.

Todas as formas do materialismo anteriores à formulação dum materialismo dialético cons'qu' nte estavam unidas a uma maneira idealista de considerar a sociedade. Os próprios materialistas franceses do séc. 18, embora considerando que o homem, a sua conduta e a sua moralidade dependem do meio social, partiam da convicção de que só a ideia duma «sociedade racional», duma «sociedade equitativa» podia fazer uma mudança e criar as novas condições da vida.

Quanto às leis que presidem à evolução social elles eram idealistas.

Estava reservado aos materialistas dialéticos irem mais longe: assim, aprofundando e desenvolvendo o materialismo filosófico, os materialistas dialéticos, levaram-nó às últimas conseqüências, estendendo a sua concepção da natureza à concepção da sociedade humana.

Vejam alguns exemplos de aplicação do método dialético á história da sociedade:

1. Se é verdade que não há fenómenos isolados, mas pelo contrário que todos os fenómenos estão ligados entre si e se condicionam reciprocamente, é claro que todo o movimento da sociedade e todo o regime social devem ser julgados do ponto de vista das suas condições, do ponto de vista do lugar e do tempo onde se produzem.

Reivindicar a instituição da república nas condições do absolutismo, era perfeitamente compreensível e justo, porque isso representava um passo para a frente. Mas reivindicar essa mesma república nas condições que se seguiram á revolução de Outubro, seria um contra-senso, seria uma atitude anti-progressista, pois seria um passo para trás.

2. Apliquemos agora o principio que ensina a interpretar cada fenómeno da natureza e da sociedade não como imutável e imóvel, mas como prestes a nascer, a devir, a morrer; a ligar-se ao novo que nasce, mesmo que ele pareça ainda fraco; a olhar para a frente e não para trás. Até ao movimento de Outubro tinha se conhecido a universalidade dum sistema. Depois, um novo elemento surgiu.

3. Se é certo que a passagem das mutações quantitativas lentas ás mutações bruscas e rápidas é uma lei do desenvolvimento, isso mesmo se observa na sociedade: por exemplo em 1789.

4. Finalmente como o desenvolvimento se opera pelo aparecimento das contradicções internas, pelo conflito das forças contrárias sobre a base destas contradicções, conflito que se destina a superá-las, compreende-se ser um fenómeno perfeitamente natural, inevitável que o mesmo se dê na sociedade.

E é sendo-se materialista dialético que se é bom filósofo.

Porque só assim se regeitam as ideias vazias e as hipóteses infecundas, as que não correspondem ás leis objectivas do mundo. Uma tal teoria tem como força a própria força da marcha objectiva da história.

G. C.

Quando se persiste em seguir o caminho que a nada conduz, é por que se ama esse caminho por ele próprio. — C. Diane.

boletim bibliográfico

Continuação da 4.ª página

absoluto compos do autor. Porém, outra condição: a obra deve ser...

... a psicologia com todas as suas incertezas, constitui a base de todo o romance. — Eis um conceito em que estão de acordo puristas e intervencionistas. E, assim, nas duas maneiras de tomar contacto com as tendências duma época — leitura dos livros positivos e experimentais, ou apreciação dos personagens característicos dos seus romances —, o controle nunca é perfeito a partir dum só destes elementos. Em si, o romance não é suficiente porque as suas premissas não possuem a fria objectividade da análise e da experimentação, mas a sua contribuição é preciosa por em prestar à ciência psicológica problemas teóricos e vivos, obtidos pela observação cotidiana da vida. Mais do que fotografia da vida, o romance representa uma seqüência lógica das suas possibilidades, limitada pela verosimilhança do ambiente e pelas reacções psicológicas dos personagens, — quer se trate de isolados aberrantes (*A Aranha*, de H. Troyat), de pessoas em conjunto (o rancho de *Gaibeus*, de Alves Redol) ou a propria terra a ser desbravada pelo homem (como neste local admitimos para *Pão e Amor*, de Knut Hamsun). O romance representa, portanto, um factor social que se não harmoniza com a serenidade inefável das torres de marfim.

O pequeno espaço de que dispomos não permite que nos alonguemos mais na apreciação — que foi mais introdutiva do que crítica — deste caderno cultural.

Não fazemos a João Pedro de Andrade a injúria de supor que ficaria satisfeito se afirmássemos que se trata duma obra perfeita. Trata-se, sim, dum estudo bem feito sobre um tema sujeito a inúmeras revisões, com todas as limitações próprias duma conferência.

João Tendeiro

(1) Charles Baudelaire — *Variétés Critiques, La peinture romantique, Bibliothèque Dionysienne, Les Éditions G. Crés & Cie, R. Hautefeuille, 21 Paris.*

CURIOSIDADES

Humorismo de Chesterton — O célebre escritor inglês, católico, Chesterton conversava um dia com uma pessoa muito rica e muito orgulhosa da sua fama e notoriedade.

«Há milhares de modos de se ganhar dinheiro», — disse Chesterton — «mas só um honesto».

— «Qual?» — perguntou-lhe o financeiro.

— «Pensei que o senhor soubesse», observou o escritor.

Arenques e Pérolas — Talvez poucos saibam que a escama do peixe tem grande utilidade e até mesmo grande valor mercantil. Em Brunswick, uma das principais províncias marítimas do Canadá, a venda das escamas de arenques, em 1940, proporcionou aos pescadores um rendimento superior a 34.000 dólares. A escama deste peixe tem vasto e extraordinário emprego, especialmente no fabrico do chamado «extracto de pérolas», que serve, por sua vez, para fabricar pérolas artificiais, cabos de facas, secóvas, etc.

Labareda — é um livro de poemas de Aurélio Borges que criticaremos no próximo número.

Imprensa

Vida Mundial. — Recebemos os n.ºs 171 e 172 desta útil publicação, que se vende em Figueiró dos Vinhos na Barbearia de Victor do Carmo Correia e no seu agente Juvenal da Conceição Simões.

O Jornal Lusitano — Dêste nosso colega, que se publica no Porto, recebemos um número de 8 páginas dedicado ao concelho de Vila Nova de Gaia.

Agradecemos e vamos permutar.

Revista «Turismo» — Foi publicado e distribuído em todo o país um excelente número da Revista *Turismo*, a mais antiga publicação turística nacional, que ultimamente tem publicado números que obtiveram o maior êxito.

O número que foi agora distribuído é dedicado às terras do país, contem 100 páginas impressas a cores, e constitui o mais completo documentário gráfico que se tem publicado sobre as nossas estâncias de verão.

A capa é uma linda vista do Luso, impressa em tricomia, havendo muitas outras páginas, de Luso e Curia, também impressas a tricomia e por outros processos, a cores.

A Revista, de que é director e proprietário o sr. António Pardal, tem como chefe da Redacção o conhecido jornalista e escritor sr. Julião Quintinha destacando-se neste número a colaboração literária dos publicistas srs.: Pinto Quartim, Sá Pereira, Santana Quintinha, dr. Ascensão Contreiras, James Palmer, Fernando Nogueira, Mário Campos dos Santos, Norman Wilson, Alvaro V. Lemos, Rodrigues Laguna e Julião Padesca.

É um número que honra a Empresa e que, pela riqueza do seu aspecto gráfico, vale a melhor propaganda das nossas estâncias de verão.

Olhos que se abrem — O célebre William Douglas Hamilton, Par da Inglaterra e famoso Homem de Estado, foi atacado por uma grave doença da vista e mandou vir, de Paris, um famoso especialista, que lhe apresentava, semanalmente, a conta dos seus honorários fabulosos...

Decorrido algum tempo — e comparando a insuficiência dos serviços prestados com o exagero das importâncias recebidas pelo médico — Lord Hamilton não pôde suportar mais a inútil e dispendiosa assistência do célebre clínico e dispensou-lhe os serviços.

O especialista, admirado, perguntou ao seu ilustre cliente:

— «Então, sente-se já bom da vista?»

— «Não» — respondeu-lhe Hamilton — «mas já comecei a abrir os olhos...»

O avião torna-se mais leve no vôo para o Oriente — Segundo escreve o *Hamburger Fremdenblatt*, um dos fenómenos resultantes do movimento

Exames do 2.º grau

Como dissemos no nosso último número, damos hoje o resultado dos exames da 4.ª classe.

O júri que era composto pelos ex.ºs srs. professores Eduardo Rodrigues Correia, de Castanheira de éra, D. Isabel Bugalho e D. Angélica do Rosário Gonçalves, de Figueiró dos Vinhos, foi recto e consciencioso.

Escola feminina de Campelo — Ester Rodrigues Ribeiro, Maria dos Santos Carvalho e Maria José da Piedade, aprovadas.

Escola mixta do Fontão Fundeiro — José Lucas S. Mões Pedro e José Pedro Lucas, aprovados.

Escola mixta da Vilas de Pedro — Manuel da Silva Barata Salgueiro, aprovado.

Escola mixta da Lomba da Casa — Bestilde de Jesus Estevão da Silva e Maria Herminda de Azevedo Correia, aprovadas.

Escola mixta de Aguda — Almerindo da Conceição Rocha, aprovado.

Escola mixta da Ponte de S. Simão — Irene dos Santos Jorge, Maria Helena Alves Henriques e Maria Virginia da Conceição Abreu, aprovadas.

Posto de ensino de Ribeira do Braz — Arega — Agostinho Gomes, Evangelista Silveira Gomes e Mário Ribeiro dos Santos, aprovados.

Escola masculina de Arega — Américo da Silva Ferreira, José do Conceição Martins Mano e Manuel de Freitas, aprovados.

Escola mixta de Aldeia de Ana de Aviz — Amílcar da Silva Ferreira, Manuel da Conceição Mendes e Maria da Graça Martins da Silva, aprovados.

Escola Feminina de Figueiró dos Vinhos — Maria Fernanda de Sousa Lacarda e Maria Tereza Violante, distintas.

Adelaide de Jesus dos Santos, Evangelina Rosa Coelho, Maria da Conceição Soares Pinto, Maria Edite Libório Ferreira de Oliveira, Maria Helena da Silva Manata, Maria Isabel Ferreira Nunes e Marília Cardoso Furtado, aprovadas.

Escola Masculina de Figueiró dos Vinhos — Abel Fran-

co, Alcides da Silva Rosalino, Augusto Manuel Nascimento G. Abreu, Carlos Feitor da Glória, Carlos Manata da Silva Feitor, Fernando da Conceição Baptista, Fernando José de Jesus M. M. deiros, Fernando José de Oliveira Portela, João Henriques de Sousa Rocha, Joaquim Dias dos Santos, José Ferreira de Abreu, José Joaquim dos Santos e Jorge da Conceição Lopes, aprovados.

Ensino doméstico — Sebastião da Silva Dias, aprovado.

de rotação da terra, é a força centrífuga, que procura repeli todos os corpos do nosso planeta, isto é, torna os mais leves

Aumenta pelo movimento no sentido, oeste este, e diminue na direcção oposta. Um avião com dez toneladas de peso, voando para o Oriente com uma velocidade de 500 quilómetros por hora, por exemplo, torna-se mais leve de cerca de 20 quilos durante o percurso. Projecteis animados e de alta velocidade, estão também sujeitos à mesma misteriosa influência. Com a mesma carga de pólvora, é maior o alcance para o Oriente do que para o Ocidente. Se se tomar ainda em consideração que a gravidade não depende apenas do estado do movimento, mas sim que ela se orienta segundo o lugar em questão e a hora do dia, compreender-se á então que singularidades e maravilhas não estão ocultas nas simples palavras: «rotação da terra».

Os arropantes são como os balões: basta uma picada de sátira ou de dôr para dar cabo deles. — *Madame de Staël.*

A V I S O

Para que conste e devidos efeitos, transcrevem-se a Tabo-la aprovada por despacho de S. Ex.ª o Ministro da Economia e remetida a esta Câmara Municipal pelo ex.º sr. Governador Civil de Leiria:

Tabela de preços máximos de venda

Aprovada por despacho de S. Ex.ª o Ministro da Economia em 20 de Agosto de 1942, nos termos dos artigos 18.º e 22.º do Decreto n.º 32.189.

Milho da produção continental da colheita de 1942

Preço de venda pelo produtor:

- a) até 31 de Dezembro de 1942. 1\$25
- b) de 1 de Janeiro de 1943 em diante 1\$30

O preço máximo de venda ao público pode ser acrescido de \$05 e do custo de transporte.

Farinhas

Preço máximo de venda pelas fábricas:

- a) farinha de trigo integral (farinha, em rama, de trigo extreme, 1\$15
- b) farinha de trigo, em rama, com incorporação, de farinha de milho ou centeio até 20% desta em relação ao lote, nos termos do art.º 8.º do Decreto n.º 32.189 2\$10
- c) farinha de centeio em rama 1.60
- d) farinha de milho 1\$55
- e) farinha de centeio espoada 1 90

Pão

Preços máximos de venda ao público:

- a) pão fabricado com farinha de trigo, em rama, com incorporação de farinha de milho ou centeio nos termos do art.º do decreto n.º 32.189 1\$90
- b) pão de centeio fabricado com farinha em rama 1\$40
- c) pão de centeio fabricado com farinha espoada 1\$60
- d) pão de milho 1\$30

Massas alimentícias

Preços máximos de venda ao público:

- a) massas de consumo corrente, vendidas só a granel:
 - Massas cortadas 3\$65
 - Massinhas 3\$90
 - Meadas 4\$10
- b) massas de qualidade superior, vendidas exclusivamente pelas fábricas, encapotadas em embalagens de 250 grs. e 500 grs.:
 - Massinhas, Meadas e Massas cortadas 6\$25
 - Bambús 6\$45

Estes preços entendem-se para embalagens de papel ou cartão.

Quando forem empacotadas em celofane podem os preços ser acrescidos de \$60 por quilograma.

Nos pacotes será indicado, além da qualidade da massa (de primeira), o peso e o preço.

O preço das massas de qualquer tipo ou qualidade pode ser acrescido de \$10 por quilograma, quando cobradas nos termos legais.

Sêmca

- Preços de venda p las fábricas 3\$85
- Preço máximo na venda a retalho 1\$00

Manifesto do milho

Avisam-se todos os lavradores que até Outubro próximo terão de fazer o manifesto de milho da produção do ano corrente.

Quem não o fizer, incorre nas penalidades da lei.

AVISO

Secretaria

Faz-se público que até ao dia 10 de Setembro podem ser entregues na Secretaria da Câmara Municipal os requerimentos para admissão ao concurso de provas práticas para o cargo de escriturário de 2.ª classe do quadro privativo da sua secretaria, e os respectivos documentos a que se refere o artigo 460.º e seus parágrafos do Código Administrativo.

DESPEDIDA

Eugénio Pereira Nunes d'Araujo Lacarda, professor da Escola, desta vila, tendo, a seu pedido, sido transferido para a Escola da povoação de Olho-Marinho Oeste, e, tendo de sair inesperadamente para a sede da sua Escola, pelo que não teve tempo de se despedir pessoalmente, como desejava, dos seus numerosos amigos, vem por este meio fazer a todos as suas despedidas, e, oferecer o seu limitado préstimo na referida povoação.



Um episódio da guerra no Deserto. Um oficial inglês reagrupa os seus soldados no meio de um verdadeiro inferno e, dando-lhes um novo moral, evita a perda de numerosas vidas.

Errata

Ministério da Economia

Por lapso, na lista dos exames do 1.º grau publicada no nosso último número, saiu o nome do menino José Henriques Corêta como pertencendo à Escola de Arega, quando na realidade nunca frequentou essa mas sim o Posto da Ribeira do Braz. Aqui fica a devida rectificação.

Junta Nacional do Azeite

Manifesto da existência de azeite

Considerando-se a urgente necessidade de conhecer a quantidade de azeite existente na posse dos produtores (olivicultores, proprietários ou rendeiros de lagares) a Junta Nacional do Azeite, nos termos do n.º 10 da Portaria n.º 10.159 de 10 de Agosto de 1942, determina:

1.º—Os olivicultores e proprietários ou rendeiros de lagares de azeite, ficam obrigados a declarar as quantidades deste produto que tenham em seu poder à meia noite do dia 31 de Agosto de 1942.

2.º—Só estão isentos de fazer esta declaração os detentores de quantidades de azeite inferiores a 50 litros.

3.º—Nos casos em que o azeite não esteja em poder do proprietário, o manifesto deve ser feito somente pela pessoa que o tiver à sua guarda para evitar duplicação nas informações pedidas.

4.º—O azeite em trânsito, na dia e hora a que se reporta o inquérito deve ser manifestado pela entidade destinatária.

5.º—As declarações serão feitas em impressos de modelo especial, gratuitamente fornecidos nas Regedorias e Câmaras Municipais de todos os concelhos do País, bem como na sede desta Junta, nos Grémios da Lavoura Sindicatos Agrícolas e Brigadas Técnicas do Ministério da Economia.

6.º—Na falta de impressos, as declarações podem fazer-se em papel comum, mencionando a quantidade, e sempre que seja possível, a acidez aproximada, o local onde se encontra armaze-

A. Teixeira Forte
ADVOGADO
Figueiró dos Vinhos

Venda dos bens de Francisco Silveiro e mulher Agua d'Alta

Por intermédio do Juiz desta comarca, vendem-se o sobredito sítio rural, que desde já recebe propostas. Figueiró dos Vinhos, 4 de Agosto de 1942.

Augusto de Araújo Lacerda

COMPRA-SE

Uma bomba manual para tirar água.

Quem pretender dirija-se a esta Redacção. 3 3

Moradia

Com quintal e várias dependências, tendo água própria e muitas árvores de fruto e outras, vende-se no centro de Cabaços.

Informa: José Antunes, Cabaços.

nado o azeite, o nome e a qualidade do detentor, bem como o distrito, concelho e residência. No manifesto deverá também ser declarada a quantidade de azeite que o manifestante deseja reservar para uso próprio e da sua casa de Lavoura.

7.º—As declarações serão entregues nas Regedorias, Secretarias das Câmaras Municipais, ou em qualquer dos organismos acima citados, até ao dia 15 de Setembro. Podem também ser remetidas directamente para a Junta Nacional do Azeite, Rua Rodrigo da Fonseca, 15, 2.º Lisboa.

8.º—A Junta Nacional do Azeite, orientará e fiscalizará o cumprimento destas determinações.

9.º—O preenchimento do manifesto não impede o declarante de transaccionar o seu azeite, uma vez que lhe seja apresentada uma autorização de compra passada pela Junta Nacional do Azeite.

10.º—A falta de cumprimento do disposto nestas instruções será punida nos termos dos decretos-leis N.ºs 29.964 e 31.554 e mais legislação aplicável.

Junta Nacional do Azeite, em 18 de Agosto de 1942.

O Presidente,

Pedro Chaves Ferreira

Galeria de Lisboa

Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas, faianças e objectos de arte antiga e moderna

Aberta das 14 ás 19 horas

Largo de Arroios, 273, 1.º

(Antigo Palácio do Conde da Guarda)

LISBOA

Estabelecimento de materiais de construção

DE

Santos, Lopes & Prista, L.ª

Praça José Malhõa ● Figueiró dos Vinhos

Agentes da «Cerâmica Prista, L.ª» e do cimento «Tejo», Lijas sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grés, Gêsc, Ferragens, Viçraça, Tintas, etc.

Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

Alvaro Amorim Pinto
Advogado

Castanheira de Pêra

Em PEDRÓGÃO GRANDE: tôdas as segundas-feiras

Anibal Silveira Herdade

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos

CONSULTORIO DENTARIO

A. MARTINS NUNES

DOENÇAS DA BOCA E DENTES — DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

Lusalite Cimentos - Cal Hidráulica

Representante das lampadas Tungstam

24-5

Comissões e Consignações

Armazém de Ferro, Aço e Carvão

Jússes António da Conceição

Pombal — Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças

Materiais de construção

Artigos sanitários—Tubos de ferro grés e de fibro-cimento
Agente-depositário de: Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE PAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24-23

Os melhores preços

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos

Café Central

Figueiró dos Vinhos

Lenha de pinheiro

Vende-se por junto ou á carrada. Quem pertender dirija-se a Alvaro Lopes Lucina—Carapinhal 1—4

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal

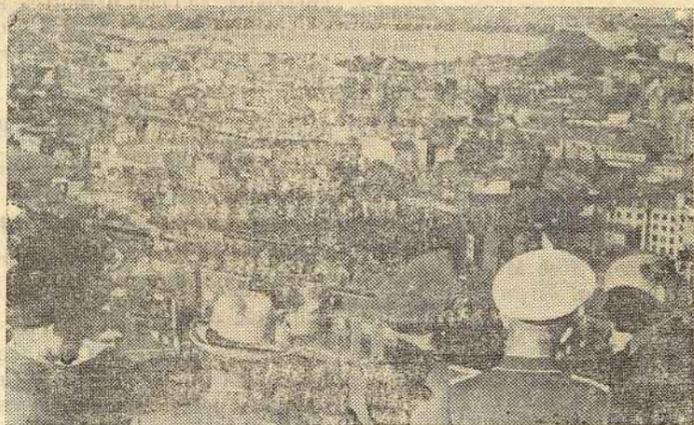
Clinica Geral

Operações e Vacinações

Figueiró dos Vinhos

Em Pedrógão Grande — às segundas-feiras das 9 ás 14 horas

Em Castanheira de Pêra — às quintas-feiras das 9 ás 15 horas



Jornalistas estrangeiros observando a cidade alemã de Hamburgo que a propaganda inimiga afirma estar inteiramente arrasada

Boletim Bibliográfico

O Problema do Romance Português Contemporâneo, conferência por João Pedro de Andrade. Cadernos da «Seara Nova». Distribuidor: Editorial Organizações, Lda, Rua Trindade Coelho, 9 2.º. Lisboa—1942.

A apreciação de críticas e ensaios comporta elementos deveras diferentes da do romance, da novela e do drama. No ensaio e na crítica, há a contribuição directa e objectiva dos pensamentos do autor; nas obras de ficção, este vê-se forçado a imaginar ou reconstituir um certo número de personagens nos seus diferentes modos de agir e de pensar. Mas há casos em que se pode dar uma interpenetração destes elementos uns os outros e mesmo com aspectos derivados,—é o caso presente, onde temos um ensaio crítico cujo tema é o romance. Além disso, as ideias expostas por um crítico quando crítico não correspondem muitas vezes às suas realizações como romancista ou como artista; sob este ponto de vista, temos o caso de João Pedro de Andrade: enquanto no volume de Teatro que ultimamente publicou nos apresenta dois dramas de concepções medularmente opostas, tanto na realização como na atitude do autor no seu papel como homem, nos numerosos ensaios e críticas publicados em várias revistas e jornais, em especial em O Diabo e Seara Nova, preconiza uma directriz definida pelas suas opiniões pessoais. Não se veja nestas palavras que João Pedro de Andrade se afaste de todas as preocupações de imparcialidade; simplesmente esta imparcialidade vem coada através da aceitação da realidade a partir da sua condição de indivíduo pensante, e não como um mecanismo rígido e inflexível. Sem chegarmos a exigir o exegêro—compreensivo até certo ponto em épocas de grande renovação na arte e na literatura, sincronas em geral com os movimentos sociais—de Baudelaire, ao afirmar que «para ter razão de ser, a crítica deve ser parcial, apaixonada, política, isto é, feita segundo um ponto de vista exclusivo mas que seja o ponto de vista que mais horizontes abra» (1), não podemos olvidar que o crítico é antes de tudo homem e, como tal, tem ideias e directrizes que lhe são próprias e que não p.d. abdicar.

Isto são verdades ditas e reditas. Refocamo-las, por as considerarmos indispensáveis para compreender a posição em João Pedro se coloca ao apresentar o problema do romance português, «uma questão que a cada um se apresenta de maneira diferente, e a qual cada um pode dar um sentido e uma solução diversos».

O livro abre com uma interrogação, de certo modo paradoxal por pressupor a possibilidade da não existência do tema desenvolvido: «Haverá, na verdade, um problema do romance português contemporâneo? Isto é, o A. vai estudar um factor que pode ser negado na sua própria essência e, tanto mais, na concepção particular que nos apresenta. Caba aqui a definição do que entendemos por romance contemporâneo português,—obra de características nacionais ou escrita por escritores portugueses? Pela leitura obsequente, concluímos que é o romance como género literário português integrado no movimento da literatura contemporânea em geral. O problema é dum complexidade tanto maior quanto é certo que as maneiras de o encarar são múltiplas

e que a análise levada a fundo dalguns dos seus aspectos é susceptível que condicionar em parte a negativa à pergunta exposta...

Vejamos quais são para João Pedro de Andrade as principais características e aspectos particulares do nosso romance:

Falta de continuidade e de persistência — A causa parece residir da subordinação da nossa cultura aos moldes sociais e artísticos estrangeiros e à impossibilidade de muitos escritores podermos viver pelo que escrevem. Grande parte dos pensadores deste século foi influenciada pelo autocentrismo germânico de Nietzsche e por este filtrado através do intelectualismo de Prondt na sua máscara de análise do subconsciente, que orientaram os esteticistas da geração da Presença: depois do romantismo francês, a especulação à volta dum análise do «eu» como entidade subconsciente. A literatura europeia aparentemente esgotada nas suas possibilidades de abrir novos caminhos, os nossos jovens escritores encontraram no neo-realismo brasileiro — como essência e como forma — a contribuição social e o sintetismo a opor à exuberância peninsular — uma nova causa de descontinuidade. Esta falta de continuidade parece, pois, ligada — salvo as excepções honrosas que constituem os pilares da nossa literatura de ficção — à repercussão das diferentes modalidades do romance estrangeiro e ao aceiteamento das novidades representadas por aqueles mesmos escritores excepcionais.

Chegamos assim ao círculo vicioso de ser o romance português descontinuo quando produto do génio e persistente quando manifestação imitadora e, consequência, lógica seguir-se a todos os períodos de revolução uma acalmia contínua em que outros escritores se lançam na brecha iniciada pelos inovadores.

No romance, mais do que o estilo interessa o fundo, a concepção que o informa... O problema do romance português é mais um problema de conteúdo que um problema de forma. — Assim é, mas não parece possível abstrair o papel que a forma desempenha na evolução do romance actual, já pela ligação com as várias maneiras de encarar, já pela sua acção subordinada a moldes formais simplistas a que seria bom excusar-se. Romance sem grandes preocupações de forma, está certo. O que o não está é que a forma deficiente envolva qualquer ideia de influência estranha. E' o caso das influências brasileiras no meio intelectual português: quanto à renovação intrínseca das suas concepções, aceitamo-la e somos os primeiros a fazer-lhe louvores; já não sucede o mesmo com o aspecto formalista, não porque represente uma inferioridade, mas pelas próprias razões que o originaram, ou seja a libertação da moça literária brasileira dos cânones europeus.

Caimos de novo em pleno círculo vicioso: ao criar uma literatura nova, o Brasil serviu-se dum prosa fragmentária; sob o influxo poderosíssimo daquela, os jovens portugueses adoptam na igualmente esta — escolho que convem denunciar, para que o problema do romance português seja, de facto, um problema português.

Sob o ponto de vista de arte pura e arte subordinada ao meio não vale a pena insistir, visto as nossas vistas coincidirem quasi em

Continua na 2.ª página

Cabaz de cantigas

Com este vento que faz
O branco do teu vestido
E' qual bandeira da paz
Em território vencido.

Ele escreve um subcritico;
Ela debuxa-se a lê-lo...
De repente, ouve se um grito...
Não foi nada... foi o sícl!

Entre dois goles de chá
Conquistei tua beleza.
Mas, desde então para cá,
Tens sido um mar de despesa!

Já me chamaste atrevido
Por te tocar nos cabelos,
Quando o vento enfurecido
Não se cansa de mexê-los!...

Se toda a gente se amasse
Sem vaidade ou sem interesse
Não havia quem casasse...
Ou de que se arrependesse.

Sempre a verdade se jura
P'rá mentira correr mundo.
E' tal qual a água pura
Que arrasta a lama no fundo!

Se a gente andasse vestida
Conforme o valor que têm,
Muita andaria despida
Por esses mundos além!...

Na Capelinha da aldeia
Onde a fé é mais acesa,
Toca o sino uma epopeia
De tradição portuguesa.

Cascais, 1942

Francisco Pires

CARTEIRA

Padre José Rodrigues Paiva

Por ter sido nomeado pároco da freguesia de Piodão, concelho de Arganil, partiu para aquela ridente povoação nortenha o Reverendo Padre José Rodrigues Paiva, nosso conterrâneo e particular amigo, a quem endereçamos votos das maiores felicidades no desempenho da sua piedosa missão espiritual.

Partidas

Depois dalguns dias de estadia junto de sua família, no Nodeirinho, partiu para a sua paróquia o sr. Padre Anibal Henriques Coelho, digno prior da freguesia do Bêco e nosso solicito correspondente naquela localidade.

Partiu para a povoação de Olho Marinho—Oeste, para cuja escola solicitou transferência o nosso amigo professor Eugénio d'Araujo Lacerda, que no desempenho do seu cargo na Escola de Figueiró se mostrou um pedagogo proficiente.

Chegadas

Depois dalguns dias de ausência regressou a Figueiró dos Vinhos o nosso querido amigo sr. dr. Armando Lopes da Cruz, ilustre Delegado do Ministério Público nesta Comarca, sua ex.ª Esposa e filha.

— A passar algum tempo em casa do nosso director literário sr. dr. João Tendeiro, estão seus sogros, sr. Coronel José Maria Cardoso e ex.ª Esposa.

— De visita ao sr. dr. Armando Lopes da Cruz, encontra-se em Figueiró dos Vinhos o sr. Augusto Ferreira de Lacerda.

— Está de novo entre nós o sr. Zito Alves da Silva.

DE NOVO NA BRECHA

Como se fôa um iman irresistível, e Cabeço do Pião atrai-me sempre que me encontro no seu campo de influência, o que sucede nos períodos de férias.

Podemos ficar fazendo ideia de qual seja o valor da força magnética do iman se disser aqui, muito em s grêdo, que tenho quarenta e oito anos de idade, oitenta e cinco quilos de peso e a estrada, que do Chão da Amoreira ali conduz, é de elevado desnível.

Para não induzir os meus leitores (terei leitores?) em êrro de cálculo, devo informar que o meio de transporte, de que me tenho servido na ascensão, é um automóvel da marca *bípede* com um cilindro. Dada a carência de carburantes, desviados para alimentar a máquina infernal da guerra, o meu carro queima oxigénio, gás que, felizmente, abunda na nossa Região, e, como é considerado utilitário, o Ministério da Economia ainda não proibiu a sua circulação.

Pois é verdade, ontem lá estive mais uma vez no famoso Cabeço para encher, de novo, a retina de impressões fortes pela amplidão, policromia e recortes caprichosos no relêvo do panorama. A alma sedenta de beleza encontra ali fonte donde a linfa brota pura e cristalina. E' só abrir a bôca da alma e bebê-la em goles sôfregos e demorados. A segura, que a dor e a dureza da vida acendem em nós, apaga-se ao primeiro contacto com o precioso e suave néctar.

Foi com negras e espessas nuvens de tristeza que fiz a ascensão de ontem. Mas a majestade da paisagem, soprando-me na alma, como forte rajada, varreu-as e, quando desci, o sol da alegria íntima já despedia os seus feixes luminosos em plena radiação.

Deus, no quadro que o Seu maravilhoso cinzel esculpiu em redor do Cabeço do Pião, revelou-se, não apenas um supremo esculptor, mas também um profundo colorista.

Fez uso de tôdas as côres da paleta. Mas a distribuição das côres e a graduação das suas nuances foram tão perfeitas que nos surpreende como o quadro ainda não foi levado para qualquer dos museus do Céu.

A mancha predominante é o verde-escuro dos pinhais salpicado aqui pelo cinzento dos olivais, acolá pelo acobreado da Serra de São Neutel, mais perto pelo amarelo dos milharais, mais longe pela tonalidade dos matos, síntese de todos os verdes, e, na orla do horizonte, o escuro das serras que, visto através da gaza das névoas, faz pensar em paisagem de sonho ou recordar telas de Columbano.

Perfeita, portanto, a obra de Deus. E a dos homens?

A capela de Santo António dos Milágres encontra-se em tal estado de abandono que seria interessante saber-se como António de Paiva apreciaria, se Deus permitisse a sua ressuscitação, as pessoas a quem

Visitas

Recebemos a visita dos nossos amigos e assinantes srs.:

Berthelim Simões da Silva, funcionário do Ministério do Interior e ex ma esposa.

Adelino Fernandes Antão, residente em Alcanena.

Augusto Gomes da Costa, comerciante da praça de Lisboa e sua ex.ma esposa, assim como seu irmão e nosso assinante sr. Manuel Gomes da Costa, também residente em Lisboa.

confiu o zêlo da sua obra e o respeito da sua memória.

O teto do átrio, em tabique, cai em pedaços minado por fútilas cancorosas; as paredes são um atestado vivo, obscuro e vergonhoso do estado cifreal em que se encontra ainda a educação dum parte do povo português.

Disse um grande pensador: a educação dum povo avalia-se pelo estado em que se encontram as paredes dos seus edifícios.

Está escrita, na parede do lado esquerdo do átrio, uma legenda capaz de ruborizar de vergonha as faces da própria impudicícia.

As paredes da sacristia estão a desmantelar-se e o telhado não tem telhas porque fizeram companhia ao ciclone na sua rajada e o zêlo caminha tão *sopicamente* que ainda não chegou com elas.

Dentro da capela estão duas mesas, uma escada e um escadote que o caruncho não deixará de aproveitar para confeccionar o lauto banquete do seu casamento.

Estará ali bem aquilo? E as côrões de verdura inestéticas e penduradas nas paredes não estarão manchando a beleza simples da capelinha?

Falta a cruz e o ferro, que serviu de suporte à lâmpada, todo se contorce, parecendo gargalhar um forte riso de troça.

O moinho de vento e de madeira pode estar lá bem a cortar uma parte do horizonte?

Agora o reverso da medalha.

Suponhamos que a Câmara manda ao Cabeço do Pião o martelo, o brocha e o machado lá tão necessários. E porque não? Não se tem ela mostrado activa e empreendedora?

Suponhamos ainda que nós, figueirenses, gratos aos milágres de Santo António e zelosos de aumentar as belezas da nossa Terra, mandávamos construir, a partir do Chão da Amoreira, dum e doutro lado da estrada, um certo número de capelinhas com grupos escultóricos, representando cenas da vida de Santo António, semelhança do que se vê no Santuário do Bom Jesus do Monte e em Santo António dos Olivais com respeito a Cristo.

Suponhamos, finalmente, que o afamado Cabeço era mais densamente arborizado e a parte superior do mirante da Capela um depósito para água destinada à rega dalguns canteiros de flores.

Quem ousaria, depois disto, recusar ao Cabeço do Pião o primeiro lugar que nós queremos que ele ocupe na escala dos pontos turísticos da nossa Terra?

E que lugar ocuparia na escala dos panoramas do País? Crió que é suficientemente alto para lisonjear, com verdade, o nosso orgulho.

Fantasia? Realidade!
Compete ao Tempo dizê-lo.

Châvelho, 21 de Agosto de 1942

José Rodrigues Dias

Dr. Domingos Duarte Agradecimento

António Medeiros vem agradecer publicamente tôdas as atenções que recebeu do dr. Domingos Duarte durante o tratamento da doença que o atacou ultimamente e sobre a qual já tinha sido desenganado por outros médicos, salientando o cuidado, a assiduidade e a verdadeira dedicação que recebeu daquele ilustre clínico, e que são tanto para pôr em destaque como a sua reconhecida competência.

Figueiró dos Vinhos, 23 de Agosto de 1942.

a) António Medeiros